

IMAGINÁRIO DO MEDO E VIOLÊNCIA URBANA: INFLUÊNCIA NO ESTILO DE VIDA DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

KEIMILLY MAKIELLY DA SILVA ROSA¹; **KÁTIA GISLAINE BAPTISTA GOMES²**

¹ *Graduanda do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública- Universidade Federal de Pelotas – keimillymsilvar@outlook.com*

² *Professora Dra. da Faculdade de Administração e Turismo- Universidade Federal de Pelotas – gomeskat@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda os impactos do imaginário do medo e da ascensão da violência urbana em Pelotas, falando de uma violência real, que assola estudantes universitários através de assaltos ou tentativas de assalto frequentes, e imaginária, através da identificação - por parte de quem não teve um contato direto com essa violência - com os sentimentos de angústia e insegurança de quem já foi vítima do fenômeno em questão. Considerando a relevância do tema sobre o fenômeno da violência urbana e a carência de estudos envolvendo o comportamento de estudantes frente a essa problemática, o objetivo deste artigo é analisar em que medida a violência urbana e o imaginário do medo alteram o estilo de vida dos estudantes da Universidade Federal de Pelotas, propondo também uma reflexão sobre a subnotificação das ocorrências, que, ou por descrenças aos sistemas policial e judicial, ou por achar que isso não resolveria o problema da violência urbana em Pelotas, dificulta o conhecimento real do problema e afeta inclusive o grau de policiamento nas ruas, que desconhecendo locais em que casos reais se manifestam, não têm a chance de fazerem uma vigilância ou ronda mais efetiva pela cidade.

1.1 Violência urbana e Subnotificação

A Organização Mundial da Saúde define violência como o:

uso intencional da força física ou do poder, real ou sob ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002).

A violência urbana, tratada neste artigo, é um tipo específico de violência interpessoal, ou seja, é uma violência que geralmente ocorre fora de casa, infligida por outra pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas, sem laços de parentesco, conhecidas ou estranhas (KRUG et al., 2002). No Brasil, a partir da década de 70, houve um crescimento em todas as taxas de violência urbana, principalmente em suas formas mais severas como roubos, sequestros e homicídios (CRUZ; AZEVEDO; GONÇALVES, 2011). Estima-se que a taxa geral de subnotificação no Brasil para crimes menos extremos varie de 70 a 80%

(CRUZ; AZEVEDO; GONÇALVES, 2011). Esses altos índices de subnotificação impedem um conhecimento do alcance da violência no país.

1.2 Formação de um imaginário do medo

Não existe uma causa única que explique a violência urbana. São vários fatores que contribuem para a ocorrência dos casos. Segundo BALANDIER (1997) apud TEIXEIRA; PORTO (1998), a cidade é um ambiente gerador de exclusões, preconceitos e recusa do Outro. A violência surge como um saldo negativo, uma espécie de resposta a esse tipo de sociedade. Dessa forma, a ascensão da violência promove a base e o fortalecimento do medo caracterizado por MORAES; JORGE (2016, p.126) do seguinte aspecto:

O medo pode ser observado tanto sob a ótica de um medo em virtude de uma situação a que o indivíduo foi exposto, como também um medo resultante da experiência do outro, que ao ser narrada é tomada como experiência própria.

Os sentimentos de insegurança e o medo dão margem a um controle cada vez mais repressivo por parte do Estado e cria um *imaginário de ordem* (TEIXEIRA; PORTO, 1998), bastante aceito pela população, apesar de não resolver o problema.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se, quanto aos objetivos, como exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos técnicos, isto é, em relação à natureza das fontes utilizadas para a abordagem e tratamento de seu objeto (SEVERINO, 2017), é uma pesquisa bibliográfica, com consulta a informações em dados e materiais já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Mais especificamente, foram consultados livros, artigos e também o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS). O levantamento de dados foi feito a partir da aplicação de um questionário eletrônico composto por 17 perguntas, feito gratuitamente através da página Survio, e previamente testado antes de sua aplicação ao grupo ao qual se destinava (universitários da Universidade Federal de Pelotas), o que tornou possível ajustá-lo e aplicá-lo ainda em tempo com as devidas correções. O universo da pesquisa foi constituído por 100 universitários, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados no período de uma semana, apresentados em percentuais e analisados qualitativamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos com a aplicação do questionário, foi possível caracterizar o perfil dos respondentes, em relação a sexo, faixa etária, relacionamento e se oriundos de Pelotas, conforme descrito no quadro 1.

Quadro 1: Perfil dos respondentes

Amostra	Característica	%
Sexo	masculino	37
	feminino	63
Idade	15 – 20	43
	21 – 30	39
	mais de 30 anos	18
Estado civil	Solteiro(a)	56
	Em um relacionamento	36
	Casado(a)	8
Naturalidade	Pelotas	51,5
	Outro município	48,5

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa, 2017

Os dados evidenciam que, o imaginário do medo influencia na esfera da vivência dos respondentes, consolidando formas de interação mais coletivas e menos individuais no que tange à mobilidade urbana. Dessa forma, os resultados apontam que os respondentes, ao compartilharem os mesmos sentimentos (neste caso específico, o medo), desenvolvem ações que sinalizam o afastamento da vivência individual e fortalecem a vivência coletiva quando optam em sair em grupo, confirmando o que MORAES; JORGE (2016) atribuem ao desenvolvimento de sentimento de pertença, ou seja, de grupo, uma conduta de solidariedade.

Apesar de apenas 76% dos estudantes entrevistados não terem sido assaltado ou sofrido tentativa de assalto em Pelotas nos últimos seis meses, 96% afirmam conhecer alguém que já foi ou sofreu. De acordo com a pesquisa, 87% das pessoas afirmaram que a violência urbana influencia o seu estilo de vida, seja alterando locais de encontro ou horários de eventos (92,9%), seja deixando de sair à noite (82,8%). Mais da metade (55,4%) das pessoas que foram vítimas de violência urbana em Pelotas não notificaram sua ocorrência à polícia. Questionando-se se as não vítimas notificariam, 86,4% disseram que sim. Quando questionadas sobre por quais motivos elas achavam que as pessoas deixam de notificar suas ocorrências à polícia, a maioria apontou para a descrença nos sistemas policial e judicial, seguido da parcela que acha que essa notificação não resolveria o problema da violência urbana em Pelotas. Dos entrevistados, 71% acreditam que contribuem para a diminuição dos casos de violência urbana relatando as suas ocorrências às outras pessoas. E 99%

acreditam que não há policiamento suficiente (vigilância e ronda policial) nas ruas de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Como pudemos confirmar ao longo dessa pesquisa, o imaginário do medo realmente influencia o estilo de vida dos estudantes da Universidade Federal de Pelotas. Vimos que ele ganha força e sustentação através da ascensão da violência urbana real - em casos de assaltos e tentativas de assalto em Pelotas nos últimos seis meses-, e imaginária - em casos de não ter tido contato direto com a violência urbana em Pelotas, mas se sentir inseguro ao andar na rua, por exemplo. O sentimento de medo e insegurança se baseia muito nos casos de violência conhecidos através do depoimento de outras pessoas e não necessariamente vivenciados por quem se sente vítima. E o problema da subnotificação faz com que crimes não fatais, mas que denunciam a violência urbana de uma cidade, não cheguem em sua maioria a ser notificados à polícia, dificultando, desse modo, uma compreensão mais abrangente do problema. Vimos que a falta de policiamento, apontada na análise dos dados obtidos através do questionário, contribui para o medo de sair na rua, de andar sozinho e de sair à noite. Mas como a polícia vai saber onde vigiar e fazer ronda sem acesso à ocorrência real dos casos? Pesquisas de vitimização em municípios de pequeno e médio porte, não apenas em capitais e regiões metropolitanas, devem ser estimuladas para que possam auxiliar as estatísticas oficiais denunciando a gravidade da situação às autoridades para que estas possam intervir através de políticas públicas mais eficazes que desconstruam o imaginário de ordem criado por medidas mais restritivas por parte do Estado a fim de chegarmos a uma realidade mais calma e segura da situação da violência urbana no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANDIER, G. **A desordem: Elogio do movimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CRUZ, S.H.; AZEVEDO, M.R.; GONÇALVES, H. Vitimização por violência urbana em uma cidade de médio porte do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 14(1): 15-26, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987.

KRUG, E.G. et al., **World report on violence and health.** Geneva, World Health Organization, 2002.

MORAES, H.J.P.; JORGE L.C. **O mito Xokleng e o imaginário do medo como memória e linguagem dos descendentes de colonizadores do alto vale do Itajaí – SC.** BOITATÁ, Londrina, n. 22, jul-dez 2016.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

TEIXEIRA, M.C.S.; PORTO, M.R.S. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Caderno Cedes**, ano XIX, nº47, 1998.